HISTÓRIA DA ARTE:
da década de 70 do século XX ao século XXI.

Tópico 12

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Dimensão: grandiosidade e monumentalidade nas Obras de Arte Visual contemporâneas.

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

UFMS

Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE VISUAL ensino

No Tópico anterior o tema foi a Arte Urbana e suas alternativas de intervenção no ambiente, este Tópico toma a questão da Espacialidade, ou seja, da ocupação do Espaço pelas Obras de Arte.
Considero que as Obras de Arte atuam em três níveis de configuração: por meio da Visualidade, da Espacialidade e da Temporalidade.

A *Visualidade* se refere aos modos por meio dos quais a apreensão sensível dos fenômenos luminosos são interpretados nas Obras de Arte.

Neste caso como são transformados em formas as variações luminosas, sejam de intensidade ou cromáticas. A intensidade se refere às variações tonais: decorrentes de muita ou pouca luz e suas intermediárias. Cromáticas se referem à interpretação das frequências luminosas que, para o ser humano, são compreendidas como espectrais, aquelas típicas do arco-íris, acromáticas: preto, cinza e branco e neutras obtidas das matizes terrosas. Portanto, a interpretação destas variações possibilita imitar o visível ou cria-lo.

A questão da *Temporalidade* diz respeito à produção do efeito de sentido de movimento cinético. Durante muito tempo as Obras de Arte Visual não “representavam” ou imitavam o movimento, mas eram capazes de sugeri-lo como se viu com o Cubismo e o Futurismo, no entanto eram sugestões. Com o Cinema e Animação, (analógica e/ou digital), o Vídeo e, por fim, o Audiovisual a questão do movimento foi finalmente integrada às modalidades de expressão e manifestações artísticas.

A questão da *Espacialidade*, tema deste Tópico, é o que se verá agora.

Como se sabe, as manifestações da Arte Visual sempre dialogaram com o espaço, seja relacionado aos suportes que lhe davam sustentação e visibilidade, seja em relação à presença no ambiente que ocupam e onde existem ou ocorrem. Há portanto duas interpretações possíveis de Espaço no que diz respeito às configurações da Arte Visual: uma que se refere a algo inerente a si mesma e outra que é compartida entre outras instâncias.

Pode-se dizer que uma Obra de Arte possui um “espaço” interno, ou seja, uma relação entre os elementos que a constituem e que dialogam entre si isolados do contexto externo. Ao mesmo tempo possui também uma relação com o Espaço externo, o entorno no qual ela esta disposta, existe ou vive. De um modo ou de outro, o espaço próprio da obra ou o espaço no qual está e com o qual dialoga e/ou interfere são relevantes para sua compreensão e entendimento.

As relações espaciais dizem respeito a algumas características formais das obras no que diz respeito ao modo os Formatos ou Formas como são configuradas. Como seus elementos constitutivos estão dispostos no suporte ou base e que efeito podem denotar ou sugerir. Podem, por exemplo, traduzir orientações direcionais: como horizontalidade, verticalidade, diagonalidade, circularidade. Abaixo, acima ao lado e entorno. Podem sugerir densidade: formas pesadas, leves, intensas ou suaves.

E podem estabelecer relações Dimensionais. A Dimensão se refere ao Tamanho. O Tamanho pode variar, então é necessário estabelecer alguns parâmetros para falar um pouco disto. Pode-se considerar que o principal parâmetro é o Corpo Humano. Neste caso tudo o que é menor do que ele pode ser considerado de Pequena Dimensão.

Tudo que é do mesmo tamanho, ou seja, igual ou levemente superior ao Corpo Humano, até aproximadamente ou igual a sua metade, pode ser considerado de Média Dimensão. E tudo o que supera isto dobrando, triplicando ou expandindo sem limite definido a relação com o Corpo Humano, pode ser considerado de Grande Dimensão. A questão da dimensão pode ser abordada na constituição da obra em si ou na ocupação que faz do ambiente no qual está ou reside.

Há ainda dois aspectos com relação à Dimensão: um diz respeito ao *Tamanho Absoluto,* ou seja, o tamanho “real” constituído pela obra como objeto físico mensurável e sua ocupação no espaço. Outro diz respeito ao *Tamanho Relativo*, ou seja, o que decorre da relação entre os diferentes componentes da obra em si e/ou do entorno no qual é instalada ou durante o período em que se manifesta.

Quando se fala em *Tamanho Relativo*, há um outro aspecto implicado, O da *Composição*.

Na tradição artística clássica e acadêmica, estabeleciam-se regras e condutas de “equilíbrio” e “harmonia” que definiam como realizar “boas” composições. Normalmente tais regras seguiam normas de divisão geométrica do espaço/suporte no qual a imagem seria criada ou configurada para que não “agredisse” o olhar convencionalizado pelo gosto dominante.

Em síntese, Compor nada mais é do que organizar o Espaço, independente de regras, normas ou sistemas canônicos dos quais a Arte contemporânea foi se distanciando e que, por fim, eliminou. Mesmo porque uma ocupação espacial, por exemplo, nem sempre pode ser limitada por dimensões ou posições regradas por outrem para intervir ou estar num lugar ou outro.

Neste caso o que vai ser abordado aqui é a questão da Dimensão, do Tamanho, pelo viés da Grandiosidade, que também pode ser entendida pela Monumentalidade que muitas das obras contemporâneas revelam.

Dimensão: grandiosidade e monumentalidade nas Obras de Arte Visual contemporâneas.

Olhando historicamente para o contexto da Arte Visual observa-se que, desde o passado, a questão da dimensão é recorrente. Talvez apenas na pré-história não houvesse a preocupação para realizar obras grandiosas, no entanto, a partir da antiguidade isto é comum. Quem sabe na pré-história o nomadismo impedisse a construção de grandes monumentos devido a curta permanência dos grupos humanos em cada lugar. Com o sedentarismo, tudo mudou.

Permanecer num só território leva também a consolidar a presença neste espaço e, para isto, criam-se estruturas identitárias como Túmulos, Templos e Palácios. Com isto, a construção e ornamentação destas edificações implicavam também da definição de um “estilo”, não que houvesse um “projeto de estilo”, mas os recursos construtivos, as formas aplicadas às figurações acabaram assumindo características recorrentes e comuns, por isto, entendidas como estilo.

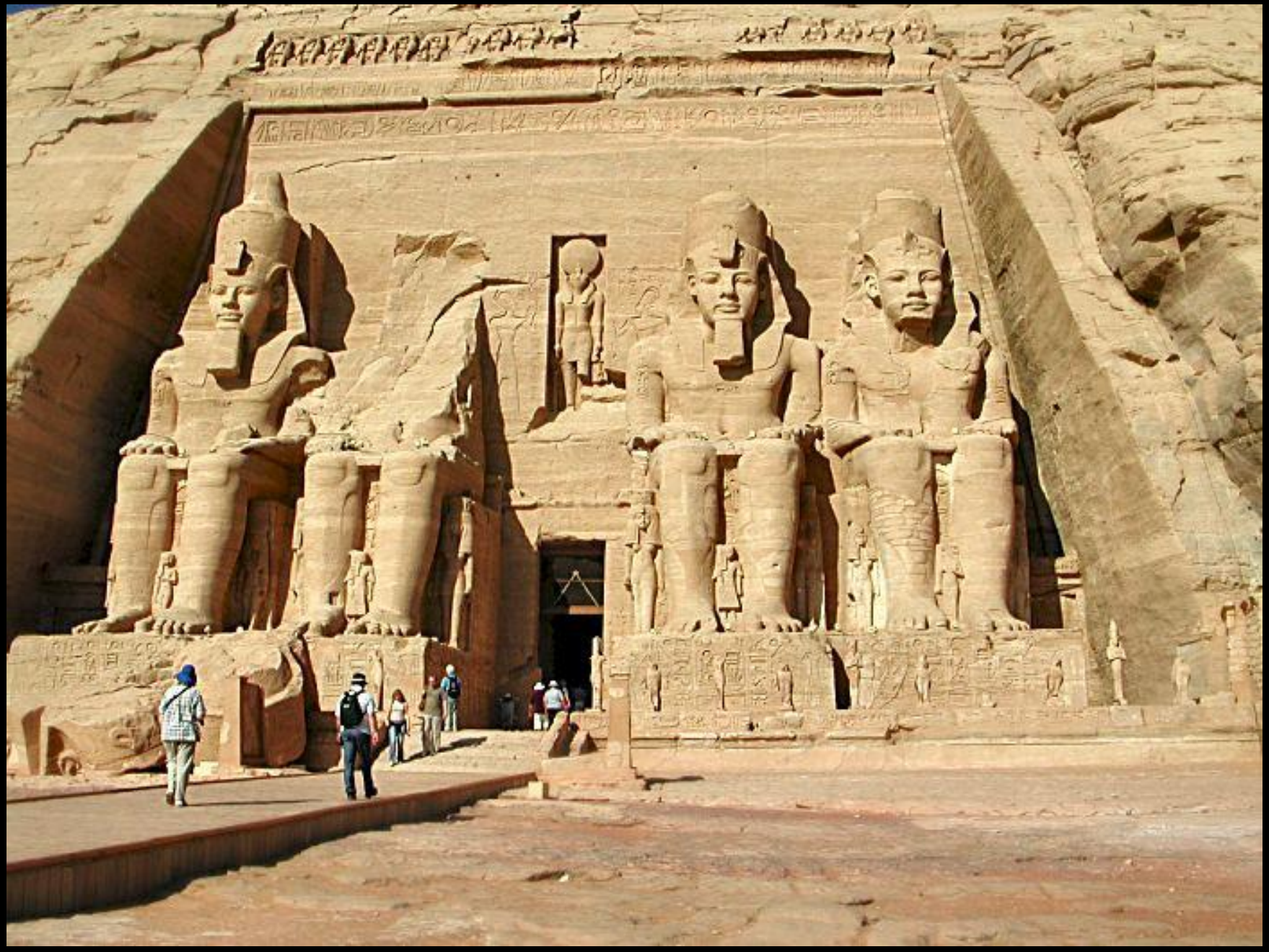
Com isto foi possível identificar características identitárias de vários povos, nações e civilizações desde a Mesopotâmia, Mar Egeu, Egito, Grécia, Roma na antiguidade, depois os estilos da Idade Média, Idade Moderna e seus desdobramentos até a Idade Contemporânea e atual. Enfim, as manifestações artísticas são um atestado de existência cultural de cada uma das sociedades humanas que se desenvolveram ao longo do tempo.

Pode-se dizer que a grandiosidade foi usada como estratégia de mostrar presença, força e poder desde a Antiguidade: originariamente o poder territorial, bélico e econômico. Não se pode dizer que atualmente o recurso do super dimensionamento das Obras de Arte não seja ainda um modo de demonstrar poder.

Basta observar onde estão as mais grandiosas Obras de Arte atuais para constatar isto.

Esta foto mostra a relação dimensional entre a pirâmide de Queops e as pessoas.
Altura original: 146,7m; base: 230,34m.

Para entender melhor a dimensão da grande pirâmide basta comparar com a do Louvre que tem apenas 20,6 m de altura e 35m de base.



O Egito antigo tem sido uma referência para a questão da grandiosidade e monumentalidade ao longo do tempo, tanto que no senso comum se diz “obra faraônica” quando se quer falar em grandiosidade.

A grandiosidade dos monumentos gregos também pode ser constatada.

Um dos exemplos da grandiosidade da antiga Roma é o Panteon.

A cúpula do Panteon é considerada a maior do mundo.

Em termos de arquitetura o Coliseu romano também é grandioso.

Exemplos da Grandiosidade Egípcia são comuns, contudo, não é só na Antiga Civilização Egípcia que vivia a grandiosidade da Arte Visual. Não se pode deixar de lado as civilizações mais influentes no contexto ocidental como a grega e a romana e seus desdobramentos.

A valorização dimensional dos monumentos físicos da antiguidade acabaram por instaurar de uma espécie de “regra” por meio da qual eles deviam ser GRANDES, muito GRANDES.

Parece ter sido por isto que a sociedade herdou da tradição a ideia de que um monumento, para ser MONUMENTO, deve ser grandioso. Esta grandiosidade foi e é um recurso para dar a ver a importância daquilo que é mostrado, sejam: deuses, santos, heróis, monarcas, guerreiros, presidentes e tudo o mais que sirva para distinguir, dar importância, impor a vontade ou simplesmente declarar o poder econômico, inclusive, usando a Arte para isto. O poder deve ser mostrado cada vez maior e melhor.

Devo esclarecer que Monumento aqui se refere a obras físicas de grande porte, em geral arquitetônicas e de Arte Visual e toca levemente o conceito de Monumento da tradição que envolve conceitos como Documentos, Memória e Passado. Tais obras podem ser Esculturas ou de arquitetura como arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc., edificações religiosas ou ainda funerárias dedicadas a uma ou mais pessoas cuja memória pode ser preservada ou reverenciada, como os monumentos aos mortos em guerra, por exemplo.

Monumentos são, em geral, marcos históricos e, como tais, compreendem os registros de civilizações e culturas num dado momento de seu percurso. Não devem ser entendidos como algo incontestável e duradouro. É comum a destruição dos monumentos de uma cultura quando outra a suplanta, do mesmo modo que é comum movimentos de negação do heroísmo de um líder à vista de uma nova concepção de direitos, respeito humano e liberdade.

A monumentalidade revela as marcas civilizatórias e culturais de um povo, de uma nação, mas também pode ser usada para distinguir um grupo ou alguém que detém poder suficiente para impor, propor ou financiar obras de grande porte.

A monumentalidade das Obras de Arte, desde sempre, foram financiadas por governos e governantes com recursos financeiros para tanto, hoje em dia, também são financiadas por grandes empresas ou por incentivo fiscal e doações.

Ao olhar as grandes obras arquitetônicas ou artísticas criadas pela humanidade ao longo do tempo, vê-se o poderio que ampararam tais produções. Tais obras implicaram em esforço, persistência e dinheiro, independente de que tipo de “dinheiro” se fale ou se considere. Obras grandiosas só são construídas de tiverem por trás delas nações e economias fortes, caso contrário, não surgem.

Um monumento merece ser preservado pelo simples fato de ser um monumento, independente se o homenageado foi alguém que, sob a ótica do direito, da liberdade, da moral e do respeito humano contemporâneos, não mereça hoje tal homenagem. Do mesmo modo que os templos egípcios, gregos e romanos que homenageavam deuses que, sob outros olhares, se tornaram apenas mitos fantasiosos e não figuras sagradas como em outras religiões.

Monumentos são produtos da sociedade e da cultura humana e como tais devem ser conservados pelo simples fato de existirem. Não se deve negar a história sob o risco de negar a própria identidade.

A complexidade humana é cheia de contradições o que é hoje adequado, talvez não tenha sido no passado e quem sabe não seja no futuro.

Há muito esforço humano na idealização e relação das grandes obras, quer sejam produzidas por serviço escravo ou livre, a dimensão humana permanece e as destaca.

Portanto, obras grandiosas são valorizadas por diferentes motivos, seja pelo orgulho de uma nação ou de um povo ou simplesmente por conseguir mobilizar inteligência, logística e sucesso em empreitadas de grande porte.

Independente do as motivaram, do esforço ou das dores que causaram, ainda assim são dignas de respeito pois sem elas a humanidade seria menor.

Esta talvez seja a motivação das manifestações artísticas que projetadas contemporaneamente para ocupar grandes espaços: o orgulho de torná-las possível.

A tradição revela que obras monumentais são, por definição, tridimensionais. A arquitetura e a escultura lideraram por séculos e até hoje, boa parte da *super-dimensionalidade* que contemplou a humanidade, ainda são projetadas e realizadas dentro destes dois tipos de manifestação. Mesmo que atualmente o conceito de Escultura tenha mudado, ampliado e expandido ainda é costume chamar de esculturas às Obras de Arte tridimensionais.

A vinculação das Obras de Arte à Arquitetura foi comum até bem pouco tempo. Incorporar Esculturas, Entalhes, Ornamentos, Pinturas integrando-as às próprias construções era um hábito e um modo de "enriquecê-las" aditando valor e qualidade a elas. No entanto, aos poucos, a autonomia tanto da Arquitetura quanto da Arte Visual foram sendo definidas e cada uma seguiu seu próprio caminho. A Arquitetura mais vinculada ao uso e funcionalidade e a Arte à expressividade.

Enquanto a Arte Visual servia à Arquitetura, devia se adequar a ela tanto em relação ao “estilo” quanto à forma e principalmente à dimensão. Na medida em que foi se distanciando dela e adquirindo sua Autonomia, passou a atuar em busca de seus próprios desígnios, suas proposições e potencialidades.

Hoje em dia a Arte Visual tem a possibilidade de atuar independentemente da Arquitetura e estabelecer suas próprias condições.

O tema em pauta considera que uma das características das manifestações artísticas da atualidade é justamente a Grandiosidade. Muitas obras realizadas por artistas contemporâneos focam neste quesito e movem “mundos e fundos” para isto. Os acervos de Museus e Galerias de Arte Contemporânea também passaram a entender que nem toda Obra de Arte atual é passível de internação ou de integração no seu espaço físico expositivo e admitem administrar obras em ambientes públicos.

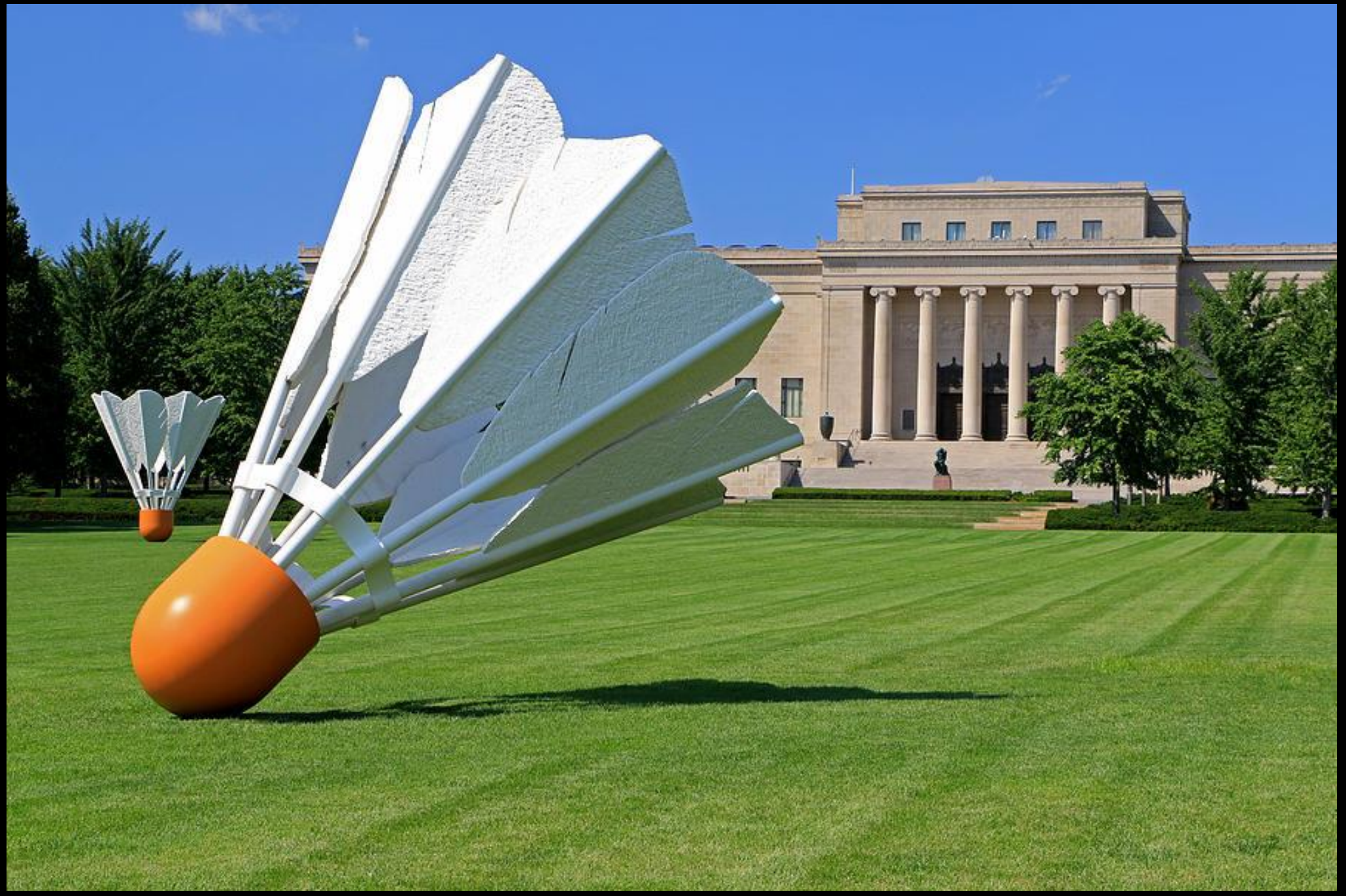
As Obras em Ambientes públicos não é uma novidade, como já dito, fazem parte da História da Arte e povoam as cidades mais antigas da humanidade. Portanto, tecnologias para realizar obras de grande porte nunca foram um problema para os artistas e obreiros, sempre houve artesãos, artífices e prestadores de serviços especializados capazes de realizar obras de grande porte. O grande problema é que envolvia mão de obra tanto física quanto especializada.

Hoje em dia a capacidade industrial e logística pode realizar obras de porte antes não imaginados. Não que a grandiosidade da produção artística das antigas civilizações não tenham preservado seu mérito em alcançar grandes feitos nesta área, mas hoje é possível dispor de materiais e processos mais eficientes para obter resultados semelhantes em menor período de tempo e menos mão de obra dedicada. A dimensão pode não ter mudado, mas a rapidez e a eficiência sim.

As primeiras obras de grande porte, criadas como Monumentos Autônomo, começam a surgir com o Modernismo e o Pós-Modernismo, artistas como Claes Oldenburg, oriundo da Pop Art é um dos artistas que se dispõem a investir na grandiosidade com temas cotidianos, pouco ou nada heroicos. Pablo Picasso, Juan Miró, Louise Bourgeois, Alexander Calder, Damien Hirst, Jeff Koons, Eduardo Paolozzi, Antony Gormley, Anish Kapoor.

De certo modo, a monumentalidade da Arte Contemporânea também evoca as questões de poder, neste caso, estritamente econômicos, já que o aspecto cultural não precisa necessariamente ser preenchido pelo tamanho e sim pela qualidade. Em todo caso, este é um dos aspectos que têm sido usado tanto para valorizar as obras em si quanto quem nelas investe.

Colher com cereja, 1985, de Claes Oldenburg, Minneapolis, Minnesota.



Petecas no jardim, Claes Oldenburg, 1994.

FREE

Petecas no jardim, Claes Oldenburg, observe as dimensões...

Pablo Picasso.

Juan Miró.

Maman, Louise Bourgeois.

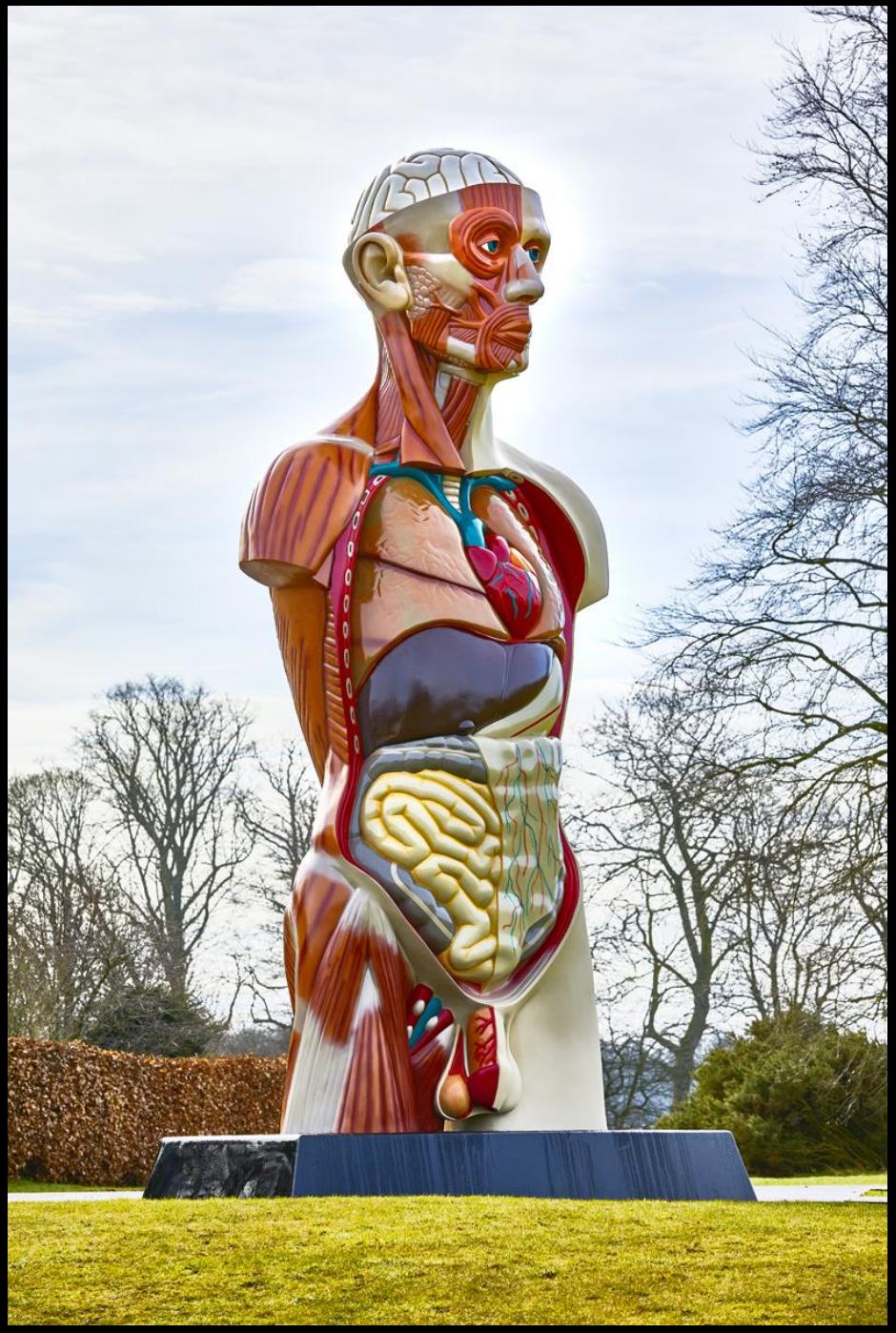
Jean Dubuffet.

Alexander Calder.

Alexander Calder.

Damien Hirst.

Damien Hirst.



Damien Hirst.

Jeff Koons.

Jeff Koons.

Jeff Koons.

Urs Fisher, Lamp Bear.

Eduardo Paolozzi, 1999, Newton after Blake.

Antony Gormley, Anjo do Norte.

Antony Gormley.

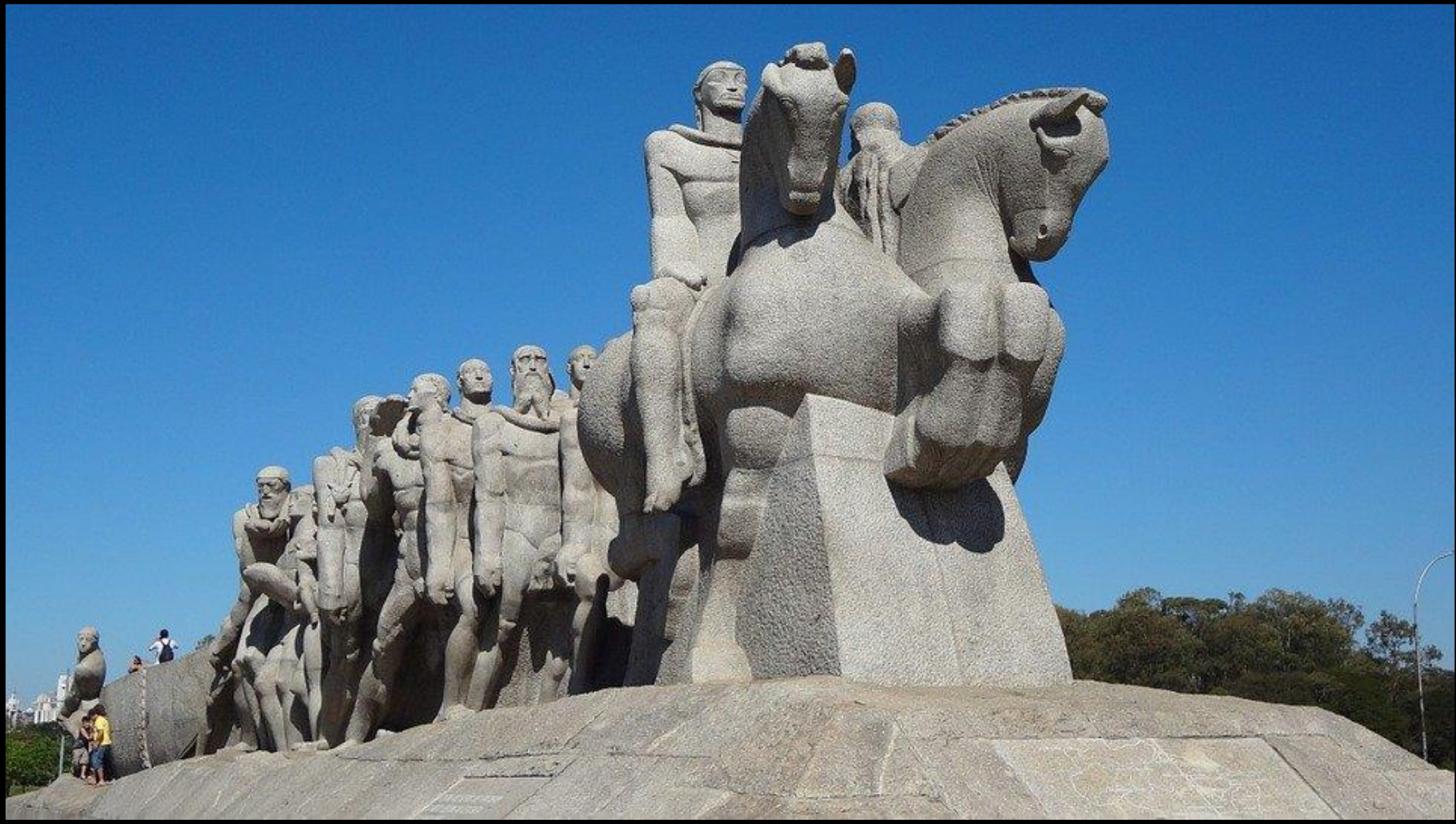
Anish Kapoor.

Anish Kapoor.

Anish Kapoor.

Anish Kapoor.

No Brasil, nomes como Victor Brecheret, Tomie Othake, Franz Weissmann, Caciporé Torres, Amilcar de Castro se dedicaram a obras de médio e grande porte.



No Brasil, uma das esculturas monumentais mais conhecidas é o Monumento às Bandeiras, de Brecheret, 1956.

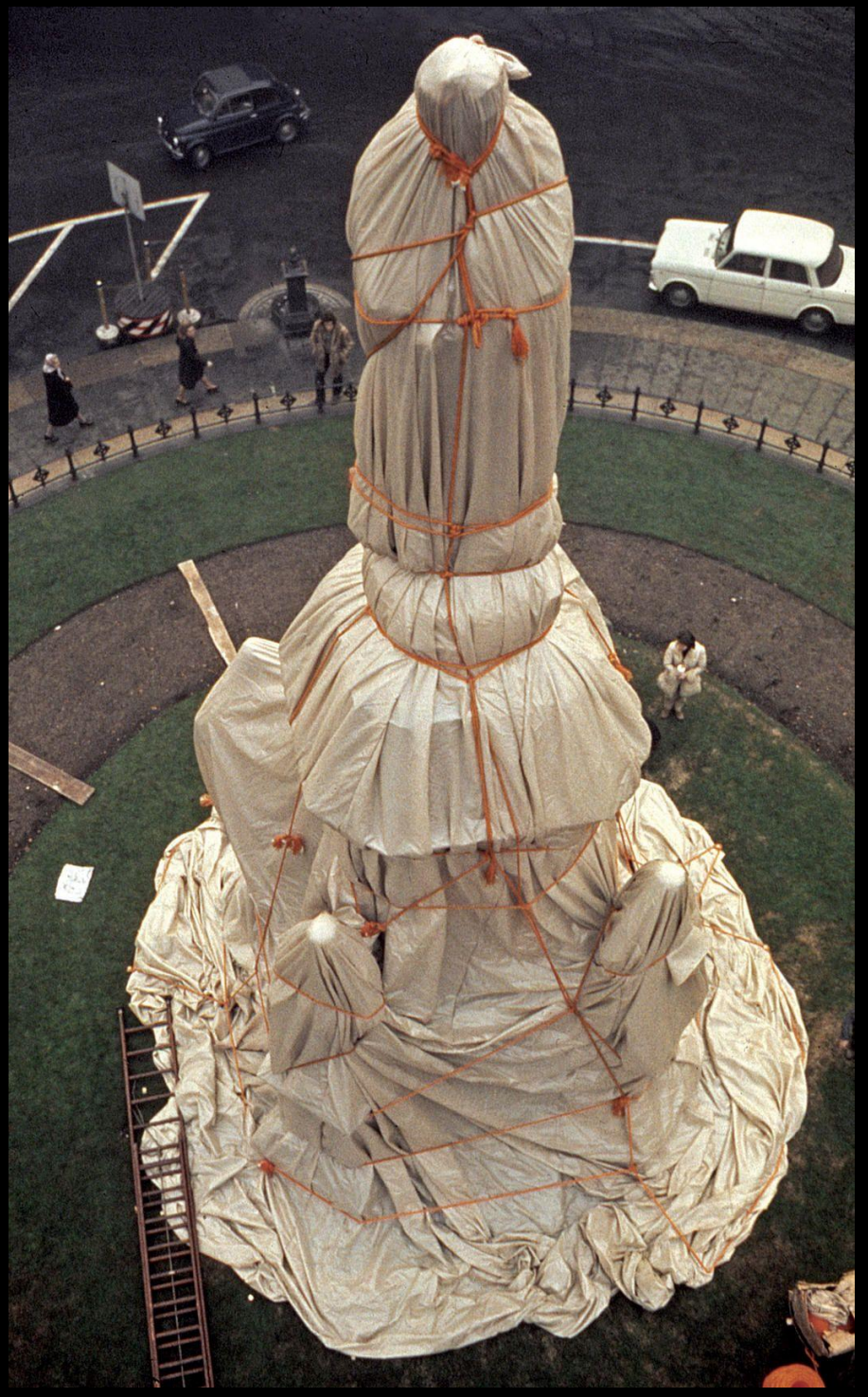
Tomie Ohtake.

Franz Weissmann.

Caciporé Torres.

Amilcar de Castro.

A manifestação “Escultórica” já foi suficientemente exemplificada pelos vários autores aqui mostrados. Mas a “grandiosidade” também pode ser obtida por meio de Intervenções ambientais. Um dos grandes nomes deste contexto é Christo Javacheff e sua companheira Jeanne-Claude Denat de Guillebon. Uma de suas estratégias criativas consiste em “Embrulhar” ou envolver edificações históricas ou interferir no meio ambiente. Outros nomes são: Robert Smithson e Michaerl Heizer.



Christo Javacheff e Jeanne-Claude.

Christo Javacheff e Jeanne-Claude.

Robert Smithson, foi um dos pioneiros da Intervenção Ambiental, Land Art ou Environmental Art. .

Robert Smithson.

Michael Heizer, “Cidade” no deserto de Nevada, 1972.

Nesta linha “intervencionista” não se pode deixar de lado ocupações de territórios urbanos empreendidas por “artistas de rua”, comumente entendidas como Grafite, por exemplo. Neste caso, não realizam construções físicas, mas se apropriam das edificações prediais ou de vias públicas tornando-as “espaços expositivos”, ambientes abertos para todos os públicos.

A atitude marginal iniciada pelos Pichadores se torna um recurso estético e expressivo fazendo com que as cidades, os ambientes urbanos se tornem espaços de diálogo com a população sem qualquer “pompa ou circunstância” que um museu ou galeria exige. Arte de todos e para todos é uma das vantagens dos artistas dedicados à Arte Urbana.

Eduardo Kobra.

Eduardo Kobra.

Os Gêmeos, Gustavo e Otávio Pandolfo.

Os Gêmeos, Gustavo e Otávio Pandolfo.

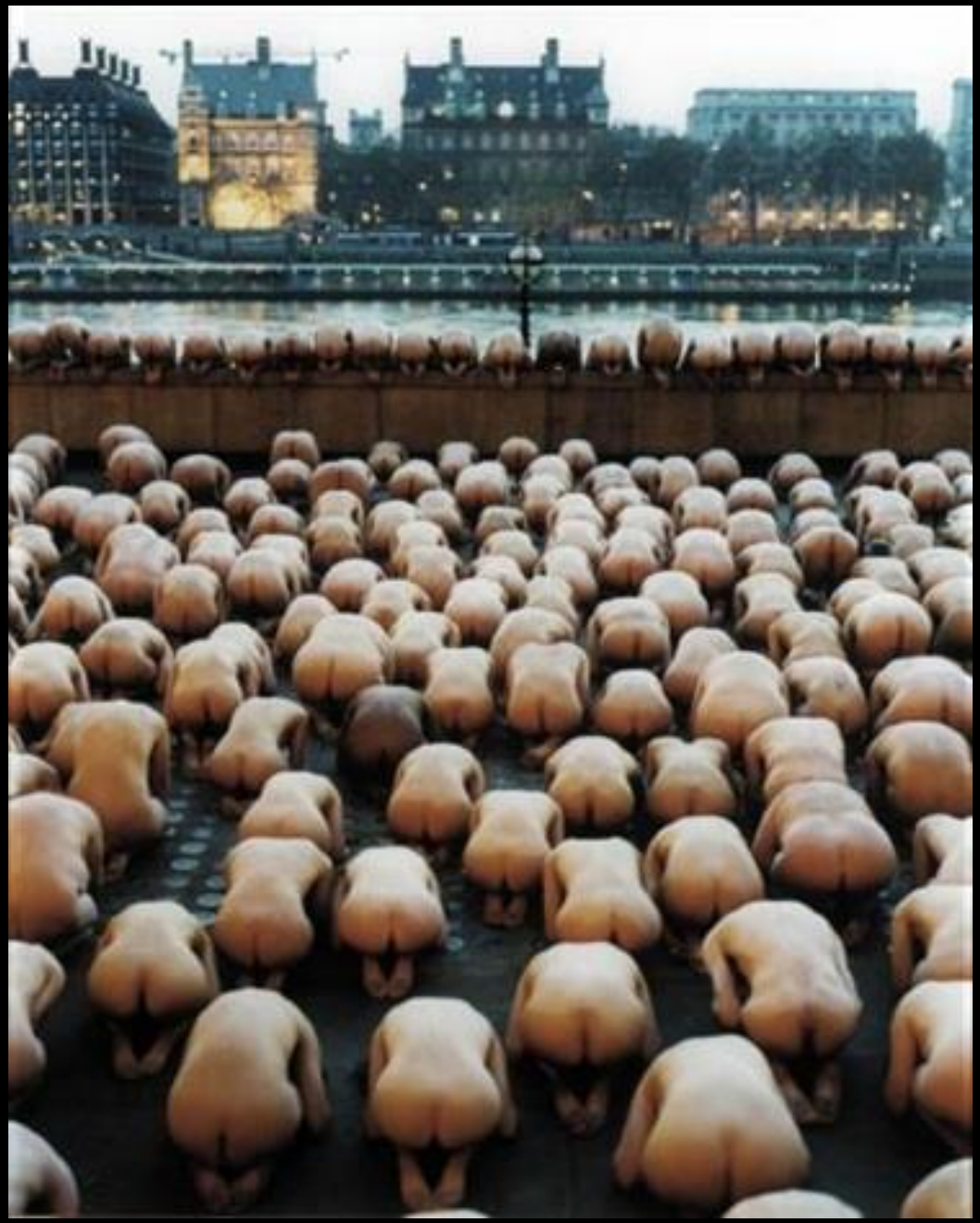
Marina Zumi.

O Wynwood Walls em Miami, fez do grafite um meio de recuperação de ambiente degradado convidando artistas do mundo todo para ocupar suas paredes, tornou-se uma das atrações turísticas da cidade e ao mesmo tempo estabeleceu uma relação com o que se chama de Economia Criativa atualmente unindo a cultura ao mercado.

Não se pode dizer também que a grandiosidade das obras resida apenas nas criações físicas e materiais. A concepção da estética Conceitual possibilitou também que esta Grandiosidade pudesse ser aplicada a Intervenções, Instalações e Performances individuais ou coletivas que mobilizassem grandes ambientes, materiais, estruturas e pessoas. Assim o corpo se torna também Obra.

Spencer Tunick é um fotógrafo especializado em Performances coletivas. Nelas as pessoas são convidadas a posarem nuas em ambientes inusitados formando configurações dirigidas por ele.

Já realizou várias performances no mundo todo, seguindo a mesma tendência, inclusive no Brasil, no Ibirapuera no pavilhão da Bienal.



Spencer Tunick, Londres.

Spencer Tunick, NY.

Spencer Tunick, Opera de Sidney, Austrália.

Spencer Tunick, Austrália.

Spencer Tunick, Suiça.

Spencer Tunick, Parque Ibirapuera, São Paulo.

Spencer Tunick, Parque Ibirapuera, São Paulo.

A questão da Grandiosidade e Monumentalidade é um dos modos que a Arte tem, na contemporaneidade, de atestar sua presença no contexto da cultura.

O fator dimensional se torna um diferencial importante na medida em que se contrapõe aos formatos tradicionais de telas e esculturas, normalmente aceitos e consagrados no contexto da Arte oriunda da tradição. O superlativo na Arte também é um modo de significar.

Algo que é muito grande estabelece uma hierarquia de precedência fazendo com o que o espectador seja “obrigado” a ver. A presença de algo gigantesco é algo que chama a atenção e, ao mesmo tempo, incita a percepção e a interpretação levando a uma interação apreciativa mais eficiente do que obras de pequeno porte confinadas a museus e galerias.

Recomendações de atividades para complementar, reforçar e ampliar os conteúdos deste tópico.

Leituras:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos

Giulio Carlo Argan, Arte Moderna.

Arte Contemporânea, Cauquelin.

Arte Contemporânea, Cauquelin.

Cultura Pós-Moderna.

O que é um artista?

Rosalind Krauss: O campo ampliado da escultura.

Multimídia e/ou Tutoriais:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/multimidia/audiovisuais

Questões sobre este tópico e suas leituras:

1. Quais os três níveis de configuração das Obras de Arte?
2. O que se entende por Dimensão e suas possibilidades
3. Quais funções podem ser atribuídas à Monumentalidade?
4. Que relações podem ser feitas entre Monumentalidade e Arte Contemporânea?
5. Arte maior é melhor ou não, porquê?